

EPAL EM MISSÃO DE AJUDA HUMANITÁRIA A MOÇAMBIQUE

EPAL e Águas do Vale do Tejo cruzam fronteiras para ajudarem o povo moçambicano. Levaram o seu saber, profissionalismo, uma ETA Móvel, muito amor e dedicação e, sobretudo, esperança para um futuro promissor.



missão moçambique



Ninguém fica indiferente a tragédias humanas como a que aconteceu em Moçambique, com a passagem do ciclone Idai. Não nos passam ao lado enquanto seres humanos providos de sentimentos e empatia pelos outros e, quando à nossa formação pessoal se juntam as nossas responsabilidades enquanto cidadãos, surge aquilo a que chamamos missão.

A nossa missão no mundo, a nossa missão na vida, aquilo que justifica e dá propósito à nossa existência.

Expressar o meu orgulho pela forma como a EPAL e a Águas do Vale do Tejo, através dos seus Trabalhadores e Trabalhadoras, se muniram de espírito de missão e se voluntariaram para ajudar um povo irmão, pondo em risco o seu próprio bem-estar e a sua segurança, não é tarefa fácil, sobretudo, quando tento passar para a escrita aquilo que, verdadeiramente, sinto.

Imenso orgulho por aqueles e aquelas que se voluntariaram imediatamente para participarem, em nome da EPAL, na missão do Grupo AdP, a qual contou com o incedível apoio do Governo Português e das Autoridades Moçambicanas. Enorme agradecimento por o terem abraçado sem vacilar.

Somos empresas com imensa experiência no que à água e sua gestão diz respeito. Somos privilegiados por contarmos, nas nossas equipas, com os melhores profissionais do mundo e que, ainda por cima, estão conscientes da importância do serviço público que oferecemos, o qual

assume ainda maior relevância em situações de tragédias humanitárias.

A água é, inequivocamente, o bem mais precioso que temos e, se somos nós quem com ela “trabalha”, somos nós também que devemos estar na frente, e na primeira hora, na prestação de apoio às populações, ajudando a salvar vidas e a proporcionar melhores condições de vida.

Esta foi uma dessas provas. Populações sem acesso a água potável, em grande risco de contaminação de doenças, epidemias que, depois do que haviam passado, não mereciam mais sofrimento. Do que dependesse de nós, tudo faríamos para amenizar o seu sofrimento.

Fico certo de que além de profissional, há uma característica que é intrínseca e comum a toda a equipa, a generosidade. Foram, acima de tudo, genuinamente generosos.

Para além da satisfação de sabermos que fizemos diferença nas vidas daquelas comunidades, ficamos com a alegria de termos estado 100% envolvidos e a certeza de que contribuímos para que recuperem rapidamente o sorriso e a esperança e vejam que alguém, como nós, tudo faz para a melhoria contínua da qualidade de vida das populações. É esse é o nosso ADN. É essa é a nossa missão há mais de 150 anos!

A todos e a todas, em nome do Conselho de Administração, o nosso profundo agradecimento.

O Presidente dos Conselhos de Administração da EPAL e da AdVT

José Sardinha

missão moçambique

Água potável para Moçambique

Ministério do Ambiente, Águas de Portugal SGPS e Águas de Portugal Internacional, EPAL e Águas do Vale do Tejo apoiam as populações afetadas

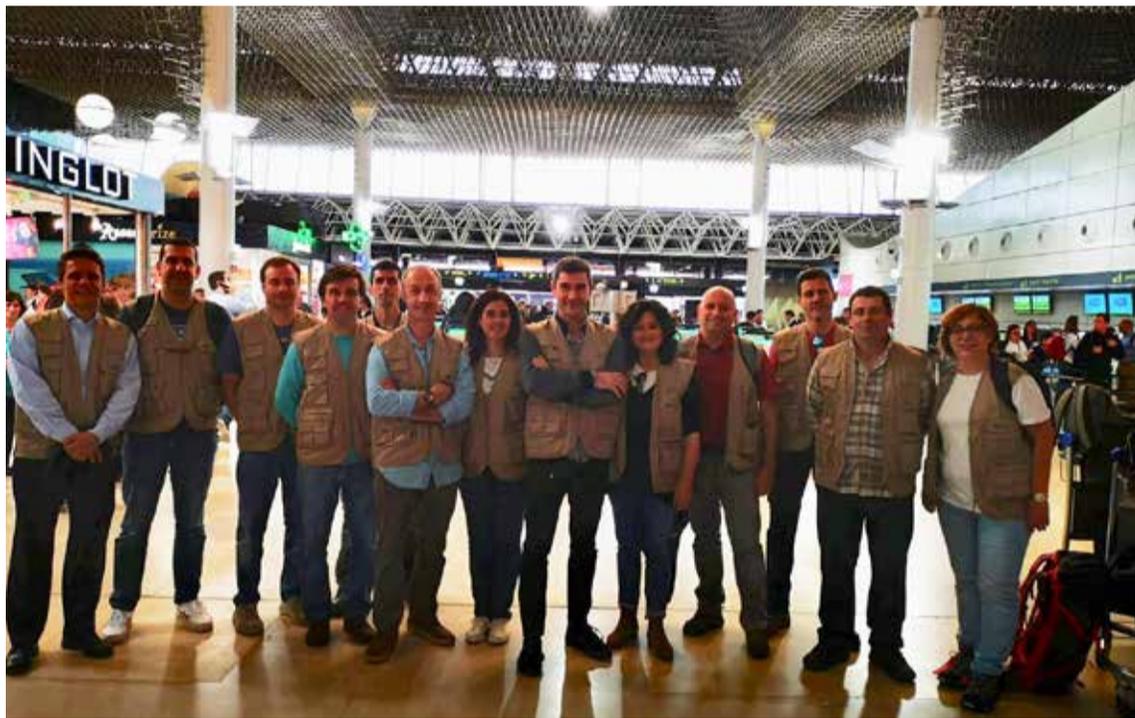
"AL"

Em março deste ano, Moçambique foi fortemente atingido pela passagem do ciclone Idai.

Muitas vítimas a lamentar, milhões de pessoas afetadas, não só neste país africano, como também no Zimbabué e no Malawi e um rasto de destruição e sofrimento que para sempre ficarão na memória de todos nós.

O cenário que se viveu nos primeiros dias pós ciclone foi desolador e o balanço preliminar indicava a destruição de 56.000 casas, 616 salas de aulas, 30 unidades sanitárias, pontes e outras infraestruturas públicas e privadas, sistema de água potável destruído, corte no fornecimento de eletricidade, devastação de campos agrícolas num espaço total de 274.131 hectares, além do desabamento de torres de telecomunicações, deixando a região centro com déficit de comunicações via telefone e internet.

Das muitas vulnerabilidades que resultam de uma catástrofe desta natureza, as relacionadas com a água e saneamento são, seguramente, das mais urgentes e prioritárias.



Se é a água que tem a capacidade de dar vida a todos os seres, é também a água e a sua falta de qualidade que a tirará.

Problemas relacionados com a água e saneamento, desencadearam mais uma dura prova que os sobreviventes teriam de enfrentar, as doenças.

A cólera, doença que se propaga através da contaminação da água e alimentos, chegou depois do furacão e sem que houvesse tempo

para que a população se reerguesse.

Consciente de que a sua ajuda faria a diferença na vida dos sobreviventes de Moçambique, um grupo de técnicos da AdP Internacional, da EPAL e da Águas do Vale do Tejo, integraram a Missão de Ajuda Humanitária e prestaram serviço no restabelecimento de água, na cidade da Beira.

O Ministério do Ambiente de Portugal, através destas empresas, fez ainda chegar uma Estação de Tratamento de Água Móvel.

A ETA vai servir 300 famílias alojadas numa área sem água tratada, com riscos elevados de proliferação de doenças com origem hídrica.

Em paralelo, foram também realizadas outras campanhas de ajuda. O Grupo AdP associou-se ao projeto de apoio humanitário e fez chegar 5 000 mochilas com bens essenciais para Moçambique.

Conheça, nesta Edição Especial, todos os pormenores sobre a intervenção das equipas, o envolvimento dos Trabalhadores, bem como, histórias contadas na primeira pessoa que não deixarão ninguém indiferente. 



Primeira equipa de intervenção partiu a 31 de março e os presidentes da EPAL e da AdP acompanharam o grupo na hora da partida



Outras se seguiram e, na despedida, houve sempre lugar a uma foto para registar o momento e o espírito humanitário que, apesar dos condicionantes, os movia



Apesar de ter sido inúmeras vezes notícia na televisão e de tantas fotografias da calamidade publicadas nas redes sociais, nada nos prepara para aquilo a que assistimos in loco. Era chocante a destruição e urgente meter mãos à obra

missão moçambique

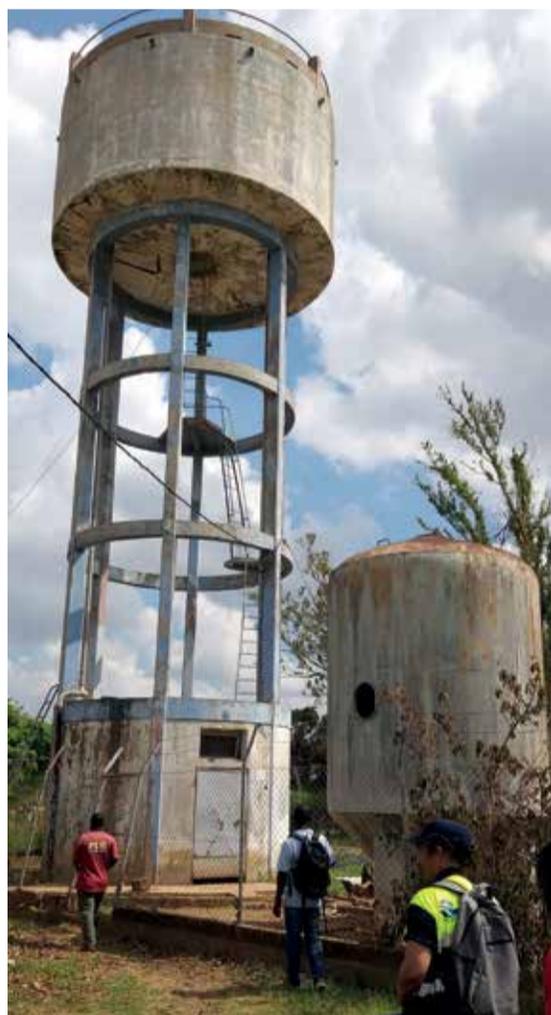
Os trabalhos no terreno

A esperança da população

"AL"

A intervenção no terreno das primeiras equipas de peritos teve por objetivo o levantamento das condições em que se encontrava o sistema de abastecimento de água da cidade da Beira, nomeadamente a Estação de Tratamento de Água (ETA), as estações elevatórias e a rede de abastecimento, de forma a identificar as intervenções prioritárias, de curto e médio prazo, para o restabelecimento do seu funcionamento.

Foram dias de trabalho intenso atenuado pelo convívio com as populações que, apesar de tanto terem perdido, continuavam resilientes e esperançosas no futuro. 



missão moçambique



missão moçambique

A Estação de Tratamento de Água Móvel EPAL e AdVT doam ETA ao FIPAG - - Fundo de Investimento e Património do Abastecimento de Água

"AL"

A missão contemplou também a instalação de uma unidade de tratamento de água, nos arredores da cidade da Beira, que tem a capacidade de produzir água potável para 300

famílias, cerca de 3 000 pessoas, que não tinham acesso a água potável e, por isso, estavam bastante suscetíveis a riscos elevados de proliferação de doenças com origem hídrica.

Depois de realizados os trâmites necessários ao seu transporte e instalação, o 10 de junho, Dia de Portugal, foi a data escolhida para a cerimónia de inauguração.

O ministro do Ambiente e da Transição Energética, João Matos Fernandes, a administradora da EPAL, Ana Silveira, e Alexandra Serra, administradora

da AdP Internacional, estiveram presentes na assinatura do protocolo de doação, sendo que Ana Silveira foi uma das suas signatárias.



Estação de Tratamento de Água Móvel

ETA doada pela EPAL no âmbito das medidas de emergência a adotar no território de Moçambique, após catástrofe natural provocada pelo Ciclone Idai.

Maputo, 10 de junho de 2019



EPAL e AdVT doaram 600 Mochilas Esperança

"AL"

Mesmo quem não esteve no terreno, esteve envolvido na ajuda a Moçambique. Mesmo quem estava longe, naqueles momentos, ficou perto.

Os Trabalhadores da EPAL e da AdVT e das restantes empresas do Grupo AdP associaram-se ao movimento de solidariedade Apoiar Moçambique, através da doação de um conjunto de produtos de primeira necessidade que encheram Mochilas de Esperança.

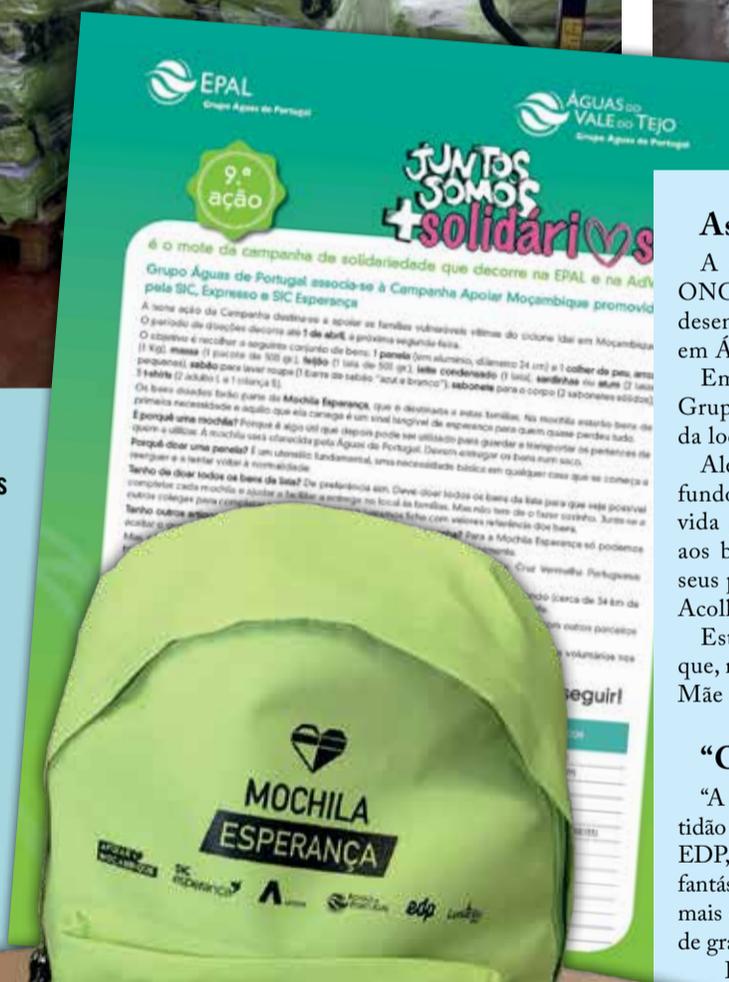
No total, as empresas do Grupo Águas de Portugal prepararam 1 400 mochilas, a Mochila de Esperança, composta por um kit de produtos identificados pela organização humanitária APOIAR como essenciais para apoiar a fase de reconstrução da vida das pessoas afetadas.

Estas mochilas foram posteriormente entregues a famílias vulneráveis afetadas pelo ciclone Idai pela organização humanitária APOIAR, no município do Dondo uma das zonas mais afetadas (localizado a cerca de 35 km da Cidade da Beira). 



As mochilas eram compostas pelos seguintes artigos:

- 1 Panela (caçarola de alumínio, diâmetro 24 cm)
- 1 Colher de pau
- Arroz (1kg)
- Massa (1 pacote 500 gr)
- Feijão (1 lata 500 gr)
- Leite condensado (1 lata)
- Sardinhas ou Atum (2 latas pequenas)
- Sabão para lavar roupa (1 barra de sabão "azul e branco")
- Sabonete para o corpo (2 sabonetes sólidos)
- 3 T-shirts (2 adulto L e 1 criança S)



Associação APOIAR agradece apoio prestado

A APOIAR - Associação Portuguesa de Apoio a África é uma ONG portuguesa com 23 anos de existência que promove projetos de desenvolvimento nas áreas da Nutrição, Saúde e Educação e Formação em África.

Em parceria com a Águas de Portugal, SIC Esperança, EDP, Wells e Grupo Lusíadas Saúde, este projeto irá dar continuidade à recuperação da localidade de Dondo, a cerca de 35 km da Beira, em Moçambique.

Além da Mochila de Esperança, realizou-se ainda uma recolha de fundos, através de uma linha telefónica de valor acrescentado, promovida pela SIC. O montante angariado será aplicado no apoio direto aos beneficiários da instituição, na reconstrução das instalações dos seus projetos que ficaram danificados e na construção de uma Casa de Acolhimento para crianças afetadas por esta tragédia.

Esta recolha de fundos foi dinamizada por um conjunto de artistas, que, mobilizados pelo cantor Carlos Moisés, gravaram a canção "Terra Mãe Que Fala".

"Obrigada Águas de Portugal"

"A palavra OBRIGADO parece ser pequenina para exprimir toda a gratidão que sentimos pela imensa generosidade dos colaboradores da AdP, EDP, Impresa, Lusíadas Saúde, Wells e Sic Esperança que fazem parte da fantástica campanha APOIAR Moçambique! Por isso, queremos dizer mais do que um simples OBRIGADO. Queremos que sintam um abraço de gratidão por tudo o que é possível alcançar convosco.

Este gesto solidário transformou-se em amor em movimento: as mochilas esperança já estão a caminho e em breve vão chegar às casas das famílias do Dondo! Como não acreditar que juntos podemos fazer uma pequena diferença no mundo? OBRIGADA pela vossa entrega a esta causa!". 



missão moçambique



Alexandra Serra
Administradora da AdP Internacional

É difícil descrever em poucas palavras a experiência gratificante que tive ao longo do projeto de ajuda humanitária a Moçambique.

Foi um momento marcante, de solidariedade, de espírito de equipa e de generosidade de todos os colegas com quem tive o privilégio de trabalhar. Desde o primeiro minuto, deram o seu melhor para ajudar as populações afetadas e em todas as ocasiões mostraram o valor e a competência do Grupo AdP fora de portas.

Talvez as duas palavras que melhor refletem o que senti ao longo deste projeto sejam orgulho e gratidão.

Orgulho, pelo reconhecimento das instituições e técnicos moçambicanos da excelência do trabalho desenvolvido no terreno, num tempo recorde, na Beira, em Tete e em Pemba. Orgulho pela forte capacidade de “fazer acontecer” e de mobilização, do Grupo AdP, quer seja todo o trabalho desenvolvido pela EPAL, o contributo pronto das Águas do Norte ou todo o suporte dado pela AdP Serviços.

E para nós, equipa da AdP Internacional, que fazemos da nossa missão capitalizar internacionalmente as capacidades e experiência do Grupo AdP, fica a nossa gratidão a estas equipas por terem, mais uma vez, dado um contributo decisivo para a boa reputação do Grupo AdP por terras moçambicanas.



Fátima Borges
Diretora de Sustentabilidade e Responsabilidade Empresarial do Grupo AdP

Participar no projeto de Ajuda Humanitária a Moçambique no âmbito das calamidades provocadas pelos ciclones Idai e Kenneth, foi sem dúvida das experiências mais fantásticas que tive na minha vida.

Quando me perguntaram se eu queria ajudar a preparar a missão “era tudo o que eu mais queria”. Tinha na cabeça cada passo do projeto “Águas Sem Fronteiras” e era a forma de o poder materializar.

Ajudei a preparar cada missão com o coração cheio! Trabalhávamos dia e noite e nada custava! Precisávamos garantir a segurança dos nossos colegas que sempre que partiam... lá ia um bocadinho de mim.

Quero realçar o voluntarismo, o profissionalismo e a competência de todos, que tão, mas tão bem, representaram o Grupo Águas de Portugal!

Bem Hajam!



Abel Luís
Supervisor da Direção de Manutenção da EPAL

Para mim tudo começou na 3ª feira, dia 30 de abril, com um telefonema a perguntar se estaria disponível para participar numa segunda missão da AdP/EPAL em Moçambique.

Após a minha resposta, poucas horas se passaram até obter a confirmação de que a partida seria no domingo seguinte - 5 de maio - para a região norte de Moçambique, cidade de Pemba.

Numa primeira pesquisa percebi que Pemba fica a uns meros 2 400 km de Maputo por terra ou a 2h30m de viagem por avião (um pouco mais que a distância Paris-Lisboa).

As informações obtidas dos colegas que tinham estado na Beira na primeira Missão revelaram-se essenciais. A experiência e apoio da AdP Internacional na preparação da viagem e em todo o processo burocrático de emissão dos vistos de entrada em Moçambique foi fundamental. O nosso colega Celso Licussa, residente em Maputo, foi excepcional no apoio prestado, mesmo nas coisas mais simples como levantar dinheiro e carregar o telemóvel num operador de Moçambique.

Após a visita de cortesia ao Diretor Geral da FIPAG em Maputo, seguiu-se a viagem de avião Maputo-Pemba com escala em Nampula. Ao fim de quase 24 horas de viagem, chegámos ao nosso destino.

O local de alojamento escolhido pela AdP tinha muito boas condições, muito perto da praia, e para grande espanto nosso não faltou a eletricidade ou a água durante todo o período de estadia. O trabalho começou logo durante o jantar do primeiro dia onde conhecemos a equipa do FIPAG, proveniente de Maputo, com quem íamos partilhar tarefas. A organização das tarefas ficou definida nessa primeira reunião, cabendo à equipa portuguesa o levantamento dos estragos ao nível da rede de distribuição de água e às equipas locais o levantamento dos estragos nas captações e no sistema adutor.

O segundo e terceiro dia foram dedicados integralmente ao levantamento das anomalias ainda existentes na rede de distribuição de água, tendo-se visitado, fotografado e caracterizado 30 locais onde os estragos foram mais significativos.

De salientar, que passados 15 dias da passagem do Kenneth, ainda havia muitas zonas sem reposição da distribuição de água, e em muitos casos com esta reposição comprometida nas próximas semanas devido à inexistência pura e simples de qualquer metro de tubagem em armazém nos diâmetros mais necessários (PVC de DN50, DN75, e DN110).

Estima-se que ainda haverão mais de 12 500 pessoas sem abastecimento de água desde o dia 25 de abril, principalmente nos bairros de Cariacó e Alto Gingone, devido às suas características topográficas e, principalmente, à falta de infraestruturas de drenagem de águas pluviais da responsabilidade do Município. Nestes dois bairros, algumas ruas transformaram-se em autênticos rios que provocaram fenómenos de erosão dos solos criando grandes sulcos e mesmo crateras onde antes havia arruamentos de terra batida, arrastando consigo grandes extensões de tubagem de distribuição de água.

O dia 9 de maio foi reservado para visitas de última hora a locais afetados e para elaborar um esboço do relatório, que foi apresentado às autoridades regionais que se deslocaram nesse dia de Nampula a Pemba, para se inteirarem das propostas das várias equipas.

O dia 10 de maio de manhã ainda foi passado em Pemba, sob chuva intensa, que impediu o previsto banho de mar no Índico. Ao princípio da tarde iniciou-se a viagem de regresso, com passagem breve por Maputo para pernoitar, e com chegada a Lisboa já no dia 11 ao final da tarde, 29 horas após a partida. Chegámos cansados, mas mais bronzados e felizes pela sensação de Missão Cumprida!



Joaquim Lizardo
Coordenador Regional da Direção de Operações de Abastecimento Água da EPAL

Escrever o testemunho pessoal da experiência da nossa missão em Moçambique, é talvez de toda a complexidade da nossa missão, a tarefa que deveria ser mais simples, não fosse o caso de se tratar de uma exposição pessoal do que passámos, desde o primeiro momento, após confirmarmos que tínhamos uma ETA móvel. Conseguir em tempo recorde, proceder à sua desmontagem, carregar num camião, colocar nos escritórios do anterior instalador, aparentemente apenas para revisão das suas componentes eletrónicas e, numa semana, voltar a estar disponível para embarcar, desde logo, foi uma semana absolutamente extenuante, ao mesmo tempo que tratávamos de vacinas, vistos, aquisição de equipamentos que poderiam fazer falta, num lugar onde, num raio de 300 km, nem um parafuso estava disponível.

Às cegas, fizemos alguns cortes e costuras na estrutura da nossa ETA e uma semana depois, trouxemo-la de volta para o Aeroporto - tudo se encaminhava. Eis que por volta das 7 da manhã, liga-me o motorista, a solicitar orientação para onde levar a sua carga, pois estava proibido de a deixar no aeroporto de Figo Maduro, onde não havia espaço para o nosso equipamento, tal foi a dimensão da solidariedade do povo português, colocando uma dificuldade adicional à ANPC, o que enviar prioritariamente, bens alimentares de primeira necessidade, medicamentos, equipamentos de resgate, equipamentos de tratamento de água, ou seja, tudo era prioritário.

Bem, não havia tempo a perder e, no final de março, 3 semanas depois do ciclone que devastou a Região da Beira, a nossa equipa partiu com o intuito de fazer o diagnóstico das necessidades locais, daquilo que poderíamos fazer com os meios, que (não) tínhamos e acima de tudo com vontade de não ficarmos de braços cruzados.

Chegámos a Maputo, de manhã cedo, avião depois de almoço, pelo que ainda houve tempo, para uma reunião com a Direção do FIPAG - órgão estatal, concessionário de grande parte do Serviço Nacional de Abastecimento de Moçambique.

Partimos para a Beira e, já em pleno voo, cedo começámos a ver a dimensão da catástrofe, com extensíssimas áreas inundadas, o nível médio das águas tinha subido, em particular, os rios Pungué e Buzi, e eu só pensava: "onde é que vamos pôr a ETA, com a água com este nível de turvação?"

No terreno, começava a ver-se o caos - árvores enormes caídas, milhares de placas de zinco/alumínio dispersas (proveniente da cobertura de referência das habitações), também inúmeras placas quebradas de lusalite, lixo e mais lixo espalhado, postes caídos, cabos elétricos no chão, mais lixo e imensa gente nas bermas da estrada. Um cenário de facto, devastador. Raro era o edifício que ainda mantinha a sua cobertura original. No nosso resort, a azáfama era grande sob a orientação de competentes encarregados chineses. Todos os dias, de madrugada até noite escura, se trabalhava na reposição das coberturas.

Começámos o nosso trabalho e, enquanto os nossos colegas da EPAL avançavam no diagnóstico do sistema de abastecimento, nós fomos avaliar as potencialidades dos locais onde poderíamos vir a instalar a nossa ETA.

Para lá chegarmos, atravessámos com o nosso jipe enormes crateras, pois seria necessário garantir estas passagens, caso contrário o camião não seria capaz de fazer o trajeto. Avaliado o local, de nome Six Miles, com uma água bruta com um teor de turvação, inferior a 4 ntu (limite para consumo humano) só tínhamos, basicamente, de garantir a desinfecção. O pior poderiam ser os crocodilos ou as cobras. Mas não vimos nada, tranquilo.

Fomos para o terreno com os colegas do FIPAG. Impressionante a quantidade de organizações que estavam a ajudar Moçambique, organizações, francesas, espanholas, italianas, turcas, americanas, alemãs, chinesas, brasileiras, israelitas, cubanas, etc. As nações unidas, literalmente, e que, na verdadeira dimensão, estavam no terreno. Em variadíssimos casos, pudemos testemunhar a gratidão do povo moçambicano. Estávamos a ajudar, estávamos no terreno, onde nada havia, e estávamos a

missão moçambique

tentar tratar a água. Além do mais, percebiam a nossa língua.

Impressionante a resistência deste povo que, de qualquer buraco, enchia um jerrican de 20 litros, que dava para o dia. Não raras vezes, tal tarefa cabia a uma criança, que à cabeça levava um jerrican e às costas um irmão ou irmã.

Visitámos uma escola primária, que nos disseram servir cerca de 3 000 alunos, divididos por 3 turnos. As salas, às vezes, eram a copa de uma árvore, e que bem que se comportavam estes meninos. Uma lição. E aqui foi para mim, talvez, o trabalho mais reconfortante da nossa missão. Tínhamos de fazer algo, pensámos, porque não tentar desinfetar a água deste poço. À nossa boa maneira portuguesa, nas instalações do FIPAG, lá conseguimos reunir alguns materiais e, no dia seguinte, montámos um pequeno reservatório onde, a partir daquele momento, a população estudantil e vizinhança poderia passar a beber água, com menos risco de propagação de doenças. Havia que garantir o controlo do teor de cloro residual livre. Contámos com a preciosíssima ajuda do técnico de Laboratório do FIPAG, o nosso amigo José Cabece, que de forma calma e muito didática, explicou ao diretor da escola como deveria proceder nos dias seguintes. Este simples gesto, de enorme alcance, foi para mim, talvez dos momentos mais gratificantes da nossa missão. Entretanto, como a nossa ETA não chegava, começámos a ajudar a equipa de diagnóstico da EPAL, na avaliação dos estragos no sistema de abastecimento, em particular na ETA da Mutua e na preparação de especificações e recomendações para um melhor desempenho do sistema. Num mesmo espaço, coabitam 2 ETA, praticamente independentes, 1 000 m³/h cada. Fomos ver os filtros, derradeira etapa numa ETA, antes da desinfecção. Espanto geral - só lá estavam as paredes, 8 filtros dum lado, 5 filtros do outro. A areia tinha desaparecido. Os nossos colegas preferiram proceder à aquisição de areia nova. Pelo sim, pelo não, deitámos mãos à obra e fomos, os seis, para dentro do filtro, varrer, limpar a lama, arranjar alguns difusores, a areia haveria de se arranjar. E arranhou, um enorme camião... com 40 toneladas, o resto, apanhou-se do chão, de anteriores obras de reabilitação de filtros.

No domingo partiríamos de volta, em busca da nossa ETA, que teimava estar nos Olivais e em não conseguir ter lugar num avião da Proteção Civil.

Missão II

Finalmente, a nossa equipa da DCL conseguiu fretar um avião de carga para levar a nossa ETA e o nosso equipamento. Iríamos partir novamente e, agora, convictos de que chegaríamos, mais ou menos, ao mesmo tempo. Seriam só alguns dias para instalar, testar, dar formação aos colegas locais e missão cumprida.

Mais uma vez, as coisas complicaram-se. Chegámos, já não fomos para o resort "nice but cheap", já não tínhamos de partilhar cama, as condições no terreno estavam francamente melhores, um esforço notável das autoridades de Moçambique e locais, já não se via tanto lixo, já havia alguma iluminação pública, semáforos nas estradas (os buracos não, esses teimosamente resistiriam) deixaram de se ver árvores caídas, os trabalhos de reconstrução andaram a todo o gás.

Fomos preparar o terreno para instalação da ETA, mas os habitantes locais avisaram-nos dos crocodilos! E agora, como fazemos a captação? Lá conhecemos um morador local, alegado neto de caçador de crocodilos, que não manifestou grandes receios e lá foi montar o nosso primeiro grupo de bombagem. Correu bem. A nossa ETA chegaria no final da semana, depois de um atribulada viagem terrestre.

Sábado, Dia da Criança, festividades nas escolas primárias. O Mário Cardoso, sempre com a recordação do seu clube, o Estrela de Portalegre, sugeriu que visitássemos a escola do Bairro da Cerâmica, em Dondo, onde tínhamos instalado o sistema de desinfecção. Afinal levava 2 bolas de futebol para oferecer, e sempre dava para uma brincadeira com as crianças. Excelente ideia, para mim, o momento mais espetacular e mais gratificante de toda a missão. Na segunda-feira, iniciámos a desmontagem de cima dos camiões e a instalação no local. As romarias ao recinto começaram, afinal está instalada numa zona de forte expansão e onde a rede pública de abastecimento ainda não chegou.

Entretanto, precisámos de um gerador para pôr em funcionamento todo o equipamento da nossa ETA de Six Miles. Uma qualidade dos nossos amigos moçambicanos - nunca dizem que não. Quando lhes perguntávamos pelo gerador, estavam a tratar, viria nessa tarde, ao final da tarde, viria no dia seguinte, à primeira hora. Finalmente tivemos o gerador, sexta-feira, depois de almoço, inauguração marcada para segunda-feira. Combustível, chegou também ... à noite.

Sábado de manhã, antevéspera, começámos os testes à nossa instalação. Eh lá, aquilo perdia água por todo o lado, tudo quanto era união, soldadura, junta, vazava água. Estamos tramados. Feitas

as contas, o equipamento, nos últimos 2 meses, desde que tinha saído de Elvas, até chegar a este destino, a 11 000 km de distância, tinha sido carregado e descarregado umas 12 vezes. Ter chegado foi uma sorte. Toca a desmontar, reapertar, soldar, pode ser que a coisa funcione. Um pingo aqui, uma gota acolá, menos mal.

E o circuito pneumático, funciona? Às vezes. Pior, o presidente disse-me para trazer um jogo de válvulas manuais, que não vieram, não me posso queixar, estamos feitos.

Tudo se recompôs, uma centena de pessoas ajudava na preparação do terreno. 1,2 km de adução, pvc 90 mm, executado em 2 dias, a 20 Meticais/ml - €300 - Mais rápido e mais barato não há.

A nossa jangada da 2ª captação, executada com uma paleta da nossa carga e 4 jerricans, 350 Meticais - €4. Melhor do que a da marca conceituada que levámos de Portugal.

Voltando aos testes, tudo funcionava, mais ou menos bem, mas eis que, de repente, não chegava água à ETA. Depois de vários ensaios, o Francisco lá se lembrou que podia ser da bomba da captação. Era. E agora? Sem o nosso Crocodile Dundee, estamos tramados. Lá o encontramos nas obras da adutora, vestiu a sua "farda de mergulho" e à segunda tentativa, lá encaixou a bomba novamente.

Segunda-feira, dia da inauguração, festa animada, danças tribais, equipa de segurança do senhor governador inspeciona minuciosamente todo o recinto, reza por equipa de anciãos, que ofereceram um manjar aos seus antepassados (que os locais, bem mais novos, trataram de se alimentar, em seu nome) e deu-se início à cerimónia formal, após o que passou à fase da explicação pelo técnicos locais e, à já habitual cerimónia de dar ao botão, para ligar a ETA. A reza foi bem feita. A sequência de arranque foi exatamente ao contrário do que deveria ter sido, não fosse a reza (e o olhar atento do nosso colega Celso) tinha havido banho para alguns convidados. Correu muito bem.

Nos dias seguintes, sentimos o orgulho da missão cumprida, do respeito acrescido dos nossos colegas, da gratidão pela nossa dedicação e da amizade que ficou.



Luís Mendes
Supervisor da Direção de Manutenção da EPAL

Após ter sido contactado no dia 30 de abril ao final do dia sobre a minha disponibilidade para uma deslocação a Pemba, Moçambique, entre os dias 5 e 11 de maio, local onde tinha passado o ciclone Kenneth, não pude recusar e, apesar de ser a primeira vez num projeto deste tipo e a primeira vez de uma deslocação a um país africano, mostrei total disponibilidade e abracei desde o primeiro instante esta causa.

Os dois dias que se seguiram, antes da partida, foram cruciais. Os contactos com alguns colegas que tinham estado na Beira uns dias antes, foram importantes para perceber como nos preparar para qualquer situação que mais inesperada pudesse acontecer. Também a reunião que tivemos na AdP Internacional e toda a logística de apoio criada para a nossa estadia durante a semana de trabalho com os colegas do FIPAG, foi crucial para nos enquadrar e esclarecer sobre o que iríamos fazer.

A viagem para Pemba e o regresso foram talvez a parte mais dolorosa, quase 24 horas em viagem.

Os restantes dias foram de trabalho de campo e realização de um draft do relatório conjunto a elaborar entre o FIPAG e a AdP Internacional. No dia 6 de maio, chegados a Maputo, tivemos o apoio do colega Celso, que teve um papel super importante de acompanhamento, fazendo-nos sentir em casa.

Antes da partida para Pemba, fizemos uma pequena paragem para uma breve reunião de cortesia com o Diretor Geral do FIPAG, onde

recebemos um pequeno enquadramento da situação em Pemba.

Os dias 7 e 8 de maio foram dedicados, 100% a trabalho de campo, tendo sido efetuado um levantamento dos danos na rede de distribuição de Pemba, originados pela passagem do ciclone Kenneth. A situação não estava fácil, muitas pessoas sem água desde o dia 25 de abril (dia da ocorrência do ciclone). Estima-se que próximo de 125 000 pessoas, na sua maioria dos bairros mais afetados (Cariacó e Alto de Gingone), bairros que devido à sua localização nas encostas da cidade sofreram uma elevada erosão dos terrenos (caminhos de terra batida perpendiculares ao mar e com elevadas inclinações), devido à intensidade e quantidade de chuva que caiu durante a passagem do ciclone, abrindo em alguns locais valas à porta das casas com mais de 3 metros de profundidade.

A falta de recursos e a inércia por parte do município, fase à reposição dos terras nos arruamentos, fazem com que as populações usem o lixo para tapar os buracos à porta de casa, para assim poderem sair da mesma, situação que estava longe de esperar encontrar.

O que mais me impressionou foi a falta de recursos para reparar todas as roturas provocadas, nem expectativas para quando seria possível por todo o sistema a funcionar. Apesar disso, toda a população com que nos cruzámos nesses dias estava aparentemente serena e conformada com a situação ocorrida, sobrevivendo com muitas dificuldades. Encontrámos em alguns pontos água que saía de condutas partidas para o chão e onde algumas pessoas se encontravam a apanhar essa água para recipientes para pudessem usar em suas casas. Posso afirmar que aquela população neste momento sobrevive com o que tem disponível. Apesar disso a vida continua, as crianças brincam e a vida quotidiana avança, como se nada de anormal tivesse acontecido.

A 9 de maio, dedicámos o dia quase todo a elaborar um draft do relatório, para apresentação do levantamento efetuado bem como as soluções de reparação e custos associados, que nos pareceram mais adequadas para aumentar a resiliência da rede afetada.

Os dias seguintes, 10 e 11 de maio, foram essencialmente de regresso a casa com uma paragem em Maputo para dormida, onde pudemos partilhar uma refeição com o nosso colega Celso no famoso restaurante, o PiriPiri.

Terminei esta aventura a correr do aeroporto de Lisboa para a festa de compromisso de Caminho do meu filho mais velho (para quem desconhece o que isso é, é a última etapa de escuteiro) que fazia a sua investidura no dia da minha chegada a Portugal, à mesma hora que se previa a chegada do voo. Aproveito a oportunidade para agradecer desde já a boleia da esposa do meu colega de viagem (Abel Luís), que me deixou à porta da Igreja dos Olivais, onde pude assistir a esse momento importante da vida do meu filho. Terminei assim esta aventura, com a certeza de missão cumprida e com muita vontade de voltar e ajudar um pouco mais.



Mário Cardoso
Direção de Manutenção da EPAL

No dia em que recebi o convite para fazer parte da missão para ajudar Moçambique, não pensei duas vezes, aceitei de bom agrado, pois nessa semana até tinha participado num pedido para ajudar Moçambique.

A equipa de atletismo da casa do Benfica de Portalegre, da qual faço parte e alguns familiares, fizeram-me uma pequena homenagem com mensagens de encorajamento e de força para enfrentar esta aventura cheia de incógnitas. Levei na bagagem pequenas lembranças para miúdos e graúdos (camisolas, pólos, calções, barritas, bolachas, etc.).

missão moçambique

Quando aterrámos no aeroporto da Beira, parecia uma base militar, com aviões e helicópteros e tendas de campanha de ajuda humanitária.

O que mais me impressionou foram as condições de vida da maioria da população, principalmente das crianças e a falta de bens primários (saneamento básico, água potável, alimentação, vestuário, calçado, habitação). Ver crianças descalças, vestidas com roupas rotas, ou sem elas, não é fácil para quem não está habituado a esta realidade e tem filhos.

Mas, na verdade, o que mais me custou foi não ter uma barrita ou uma camisola para todas as crianças e não ter levado umas bolas para os miúdos da escola onde foi instalado o reservatório para desinfetar a água. Gostei muito da simpatia e do estado de espírito das crianças e da população em geral, mesmo com as dificuldades que passam, todos gostam de tirar uma foto, de nos tocar, cumprimentar e falar connosco.

Gostei muito dos miúdos da escola e do grupo de rapazes que nos ajudou a levar a areia para o filtro - grandes rapazes - do empregado do hotel que no primeiro dia não sabia tirar um café, mas que, depois de lhe ensinar, tirava um que era um espetáculo, ficou muito agradecido.

A grande lição de vida que aprendi, nos locais por onde andámos, é que as pessoas ficam satisfeitas com pouco, e nós, por mais que tenhamos, nunca o vamos estar.

Uma palavra para todos os colegas que estiveram lá, mas em especial para o Celso que foi impecável, grande ajuda.



Nuno Reis
Responsável de Área da Direção de Gestão de Ativos da EPAL

Fui desafiado a participar na Missão de apoiar Moçambique para efetuar o diagnóstico e levantamento dos danos decorrentes do ciclone Idai no que às estruturas de abastecimento de água à cidade da Beira dizia respeito. Aceitei, sem hesitar! É claro que queria ajudar!

Nos dias anteriores tinha vindo a acompanhar os relatos impressionantes que nos chegavam diariamente da zona da Beira, e sentia aquela vontade de participar na ajuda a um país que acabava de sofrer uma nova contrariedade.

Era essa a expectativa que eu levava: poder ajudar, dentro do que é a nossa capacidade e competência, a criar melhores condições de vida às pessoas que habitam naquela região, neste caso através da avaliação de necessidades de reparação para melhorar as condições de funcionamento do sistema de abastecimento de água à cidade da Beira.

No decorrer da viagem até à Beira, efetuada 15 dias depois do ciclone, deparei-me com uma das imagens mais marcantes desta missão que foi, antes da aterragem no aeroporto da Beira, a vista aérea da zona de Buzi, que se encontrava ainda completamente alagada, eram milhares de km² de território, cheios de água...

Já na cidade da Beira, a devastação provocada pelos ventos do ciclone e as muitas estruturas danificadas, árvores de grande porte derrubadas e resíduos por toda a parte da cidade. Via-se, aos poucos, a população a retirar as árvores caídas e a limpar as ruas, para poderem voltar à vida "normal".

O maior sentimento que trouxe desta Missão foi de agradecimento e de dever cumprido. Perceber que os colegas moçambicanos, responsáveis pelo abastecimento de água à cidade da Beira, estavam atentos a tudo o que observávamos ou que dizíamos, ávidos de aprender, de receber ajuda, e ao mesmo tempo gratos por toda a colaboração que Portugal em geral e a EPAL e AdP, em particular, estavam a dar naquele momento difícil, foi muito gratificante. Estavam igualmente gratos pela própria ajuda internacional que estavam a receber e sentiram, naqueles dias, que Moçambique estava no centro do Mundo.

Saber que o trabalho da nossa equipa contribuiu de forma determinante, para a possibilidade de obterem financiamento por parte do Banco Mundial, para a reparação das estruturas de abastecimento de água, que era o objetivo pretendido pelo FIPAG (entidade responsável pela gestão das infraestruturas de abastecimento de água de Moçambique), foi também reconfortante.

Como maiores dificuldades da Missão, realço a indisponibilidade em contínuo do abastecimento de água e de energia elétrica, que apenas estavam disponíveis durante algumas horas do dia e que acabam sempre por dificultar os nossos hábitos e costumes. No entanto, o espírito de missão tem de estar também na resposta a estas restrições nos serviços básicos (básicos, para a Europa), pelo que foi apenas mais uma condicionante a ser ultrapassada por toda a equipa.

Para trás, ficam as experiências vividas naquela semana de abril e o resultado do trabalho realizado para melhorar as condições do sistema de abastecimento de água à cidade da Beira. Ao mesmo tempo, fica também uma experiência inesquecível de poder ver muitas "marcas" deixadas pelos nossos antepassados, p.e. no ordenamento da cidade e nas próprias edificações ainda existentes, de um território que foi colónia portuguesa ao longo de quase 500 anos.



Ricardo Guimarães
Responsável de Área da Direção de Gestão de Ativos da EPAL

"Estou disponível"...foi a resposta que dei quando me ligaram a perguntar se poderia integrar a comitiva técnica da EPAL, que iria ajudar as entidades moçambicanas na execução de um levantamento dos danos causados pelo ciclone Idai, nas infraestruturas de abastecimento de água à cidade da Beira. Mas só após ter respondido à pergunta, é que tomei consciência do que a missão envolveria.

No meu passado profissional já tinha participado noutras missões técnicas em países em vias de desenvolvimento, designadamente no continente africano (Angola, São Tomé, Moçambique), mas nunca antes tinha estado num local assolado recentemente por uma catástrofe natural. Independentemente das dúvidas e alguns receios, o tempo para questionar a decisão foi muito curto pois, desde o telefonema até à partida para a cidade da Beira, mediam apenas 4 dias.

Em tão pouco tempo foi necessário perceber os objetivos da missão, planear os trabalhos com os restantes membros da comitiva, tratar do visto, das vacinas para doenças tropicais, dos meios para quem vai para um cenário de catástrofe (e foram muitos), dos apoios locais, e como é obvio, planear a minha ausência no seio familiar, pois uma viagem de 9 dias carece sempre de alguns ajustamentos.

A curta fase de preparação foi muito facilitada pelo apoio dado pela EPAL e pelas Águas de Portugal que, incansavelmente, prepararam kits com medicamentos, equipamentos de proteção individual,

mochilas com lanternas, cantis, redes mosquiteiras, entre outros artefactos, pois o cenário que nos esperava era desconhecido de todos. No dia da partida, o receio estava patente nas nossas caras mas o espírito de missão falava mais alto, e todos tínhamos a certeza de que, na retaguarda, estava toda a Empresa em nosso apoio.

À chegada à Beira o cenário era desolador. Logo no aeroporto eram bem visíveis os danos causados pelo ciclone. Parte das coberturas tinham desaparecido e o movimento de estrangeiros oriundos de organizações de ajuda humanitária era imenso. No caminho para o hotel eram inúmeras as árvores tombadas sobre casas, estradas, acessos ou mesmo sobre linhas elétricas, o que originou o corte do serviço de fornecimento de energia a parte da cidade por longos dias. Também eram visíveis diversos recintos com tendas de campanha, nas quais foram realojados os habitantes cujas casas foram destruídas, ou mesmo alguns estrangeiros de organizações de ajuda humanitária, que prestavam auxílio direto à população atingida.

Já no hotel, os efeitos do ciclone também se faziam notar ao nível das coberturas, como também no serviço de abastecimento de água e no fornecimento elétrico. Um aviso no átrio do hotel avisava os hóspedes que o abastecimento de água e o fornecimento elétrico apenas estavam disponíveis em algumas horas do dia, facto que se veio a comprovar mais restritivo do que mencionado no aviso.

Nos dias seguintes, cada membro da equipa EPAL analisou as infraestruturas dentro da sua área de especialidade, tendo eu visitado a rede de abastecimento da Beira e de algumas zonas limítrofes, conjuntamente com a equipa das perdas do FIPAG, de modo a avaliar os impactos da passagem do ciclone Idai, designadamente ao nível do aumento das perdas de água. Obviamente que estando as infraestruturas da rede acondicionadas no subsolo, foram aquelas que menos sofreram com a passagem do ciclone, tendo os danos sido provocados pela queda e derrocada de árvores e outras infraestruturas, ou pela movimentação de terras, provocada pelas inundações que sucederam ao ciclone. Efetivamente, em alguns bairros, inclusive no centro da cidade (vulgarmente denominada de cidade de betão), eram visíveis inúmeras árvores de grande porte totalmente arrancadas do solo, tendo as suas raízes arrastado tubagens e ramais da rede de abastecimento. Perante a falta de água que se sentiu na cidade da Beira, foram igualmente verificados vários casos de tentativa de ligação ilícita às infraestruturas de abastecimento do FIPAG, algumas delas realizadas em situações extremamente arcaicas, o que provocou o aumento das perdas de água e diminuiu a resiliência do sistema de abastecimento.

Ao longo desses dias realizámos diversas reuniões com técnicos do FIPAG, de modo a obter informação adicional. A pedido dessa entidade, avalei ainda o projeto de redução de perdas em curso, tendo sugerido algumas oportunidades de melhoria.

Foram dias duros e longos, onde prevalecia o sentimento de que existia muito para fazer e de que seriam necessários muitos anos, muito trabalho e muito investimento para restabelecer um sistema de abastecimento que já apresentava muitas lacunas previamente à passagem do ciclone, as quais foram agravadas com esta catástrofe natural. Contudo, a humildade do povo moçambicano e a sua resiliência perante situações extremas e difíceis, levaram-me a crer que seria possível sair deste cenário de catástrofe, obviamente com a ajuda dos países mais desenvolvidos, nomeadamente de Portugal.

O companheirismo no seio da equipa EPAL e o espírito de entretajuda foi essencial e fundamental para trabalhar neste contexto difícil, sendo algo que agora recordo com alguma satisfação. Resumidamente, foi uma experiência única, onde pudemos utilizar os nossos recursos, os nossos conhecimentos, o nosso know how em prol de quem necessitava de auxílio.

Quando em 2013 pisei pela primeira vez o solo moçambicano, fiquei imediatamente apaixonado pelo país, pelo seu clima, pela cor da terra, pelo seu povo e pelo seu hino nacional. Mas nesta missão vi um novo significado no refrão do hino nacional:

"Moçambique nossa terra gloriosa
Pedra a pedra construindo um novo dia
Milhões de braços, uma só força
Ó Pátria amada vamos vencer."

Foi um privilégio e uma honra poder, conjuntamente com os restantes membros da equipa, fazer parte destes milhões de braços que, numa só força, ajudaram a colocar pedra sobre pedra, de modo a construir um novo dia.

Obrigado por esta oportunidade e por esta experiência. ■

missãomoçambique

Conselhos de Administração da EPAL e da AdVT homenageiam voluntários

No dia 16 de julho, os Conselhos de Administração da EPAL e da Águas do Vale do Tejo, homenagearam os voluntários das duas empresas que estiveram no terreno a prestar serviço no abastecimento de água, na cidade da Beira.

O momento da cerimónia de agradecimento foi de grande emoção. Os Trabalhadores partilharam as suas histórias, ficando certo que, para sempre, guardarão aqueles episódios das suas vidas que tanto os enriqueceram enquanto seres humanos.

Mais do que um trabalho, os dias passados em Moçambique foram de grande

aprendizagem e, até, de criação de laços, de entajuda, de crescimento pessoal.

Apesar das dificuldades, fica a certeza de que todos, sem exceção, repetiriam aquela aventura em prol do bem estar dos outros que, afinal, também lhes trouxe tanto.

Ao Abel Luís, Celso Alcântara, Francisco Braga, Francisco Pereira, Joaquim Lizardo, Luís Mendes, Mário Cardoso, Miguel Fernandes, Nuno Reis, Pedro Claudino, Ricardo Guimarães, Rui Chegadinho e Susana Garcia o nosso muito obrigado.

Que orgulho sentimos de todos vocês. 



Missão Moçambique arrecada dois prémios

O primeiro prémio foi recebido no ENEG 2019, o maior evento nacional do setor, na cerimónia de entrega dos “Tubos de Ouro”, onde a Empresa foi galardoada na categoria de Melhor Ação de Responsabilidade Social.

A receber o prémio estiveram Alexandra Cristóvão, Joaquim Lizardo e Marcos Sá.

A outra distinção chegaria na 14.ª Expo Conferência da Água, no decorrer dos PT Global Water Awards, onde o projeto mereceu uma Menção Especial. O prémio foi recebido por Ana Sofia Silveira, administradora da EPAL.

Estes galardões são fruto do incansável trabalho, dedicação e espírito solidário dos nossos Trabalhadores. 

Elidio Khossa, director dos Serviços Centrais de Operações do FIPAG, esteve recentemente num evento em Lisboa, onde agradeceu à EPAL o apoio a Moçambique.

